

# A REPRESENTAÇÃO DOS VEGETAIS NA PINTURA NEOCLÁSSICA: CIÊNCIA, ARTE E NATUREZA

**Denielly A. Rodighiero(1); Tatiana Caldas(1); Lenir  
Maristela Silva(2) & Marlize Rubin Oliveira (2)**

(1) Acadêmica do segundo ano do Curso de Agronomia da UTFPR – Campus Pato Branco. (2) Professora da UTFPR – Campus Pato Branco.

denielly\_gare@yahoo.com.br; tetyscaldas@yahoo.com.br; lenir@pb.cefetpr.br;  
marlize@pb.cefetpr.br

**Resumo** – neste trabalho buscou-se através de uma revisão de literatura uma interação entre a arte e o estudo da Botânica. Para tanto escolheu-se o período Neoclássico, pois durante ele a natureza foi representada com maior intensidade e de maneira mais real. Pesquisando artistas que mais se destacaram nesse estilo, três espécies distintas que serviram como fonte de inspiração foram eleitas para uma descrição morfológica, sendo essas: trigo, margarida e carvalho.

**Palavras Chave** – Estilo Neoclássico, Pintores e Obras, *Triticum aestivum*, *Bellis perennis* e *Quercus suber*.

# A REPRESENTAÇÃO DOS VEGETAIS NA PINTURA NEOCLÁSSICA: CIÊNCIA, ARTE E NATUREZA

## 1. INTRODUÇÃO

O Estilo Neoclássico trouxe de volta a integração homem-natureza a uma Europa perturbada pelos acontecimentos da Revolução Francesa. Com simplicidade e firmeza, os artistas desse período souberam representar, de maneira magistral e sem exageros, toda a beleza do cenário campestre e a sóbria graça da vida no campo. Contextualizando as representações com o cenário do estudo da Botânica, algumas obras dos artistas mais renomados desse período histórico, serviram de inspiração para uma análise morfológica das espécies *Triticum aestivum* (Trigo), *Bellis perennis* (Margarida) e *Quercus suber* (Carvalho).

## 2. O ESTILO NEOCLÁSSICO

Como uma reação ao estilo rebuscado do Barroco e do Rococó, o Neoclássico surge para trazer de volta o ideal de vida greco-romano, abandonando as vestes de ópera e cenários luxuosos, trocando-os pelos fatos antigos na sua autenticidade, com uma sobriedade severa e uma arte acordada com a verdade e a natureza (VICTORINO, 2005).

Nas obras neoclássicas, a natureza e o natural tornam-se ideais de vida, e é desta forma que nascem o culto à paisagem e ao “eu”, ou seja, o que pertence ao homem de verdade: a sensibilidade, a intuição e até mesmo o inconsciente (HAUSER, 1982).

O Estilo Neoclássico iniciou-se na França e recebeu forte auxílio da Revolução Francesa que eclodia em meados do século XVIII, com os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade. Napoleão foi um dos grandes incentivadores desse movimento,

submetendo o império a esse novo estilo, que originou o convencionalmente chamado “estilo do império” (VICTORINO, 2005).

Motivados pelo impulso romântico de integração com a natureza, os neoclássicos, diferente dos artistas clássicos, usavam a natureza como tema principal para suas telas e não como mero pano de fundo. A prática de pintura com cavalete ao livre, ao invés de enclausurado em um estúdio, logo entusiasmou vários artistas que adotaram o Neoclassicismo como ideal de vida e obra. Entre eles podemos citar Jules Dupré e Constant Troyon (MAHLER, 1975).

A obra neoclássica, atenta para a observação do real, dava relevo aos aspectos simples da natureza e não a cenas monumentais, caracterizava-se pelo predomínio do desenho e da forma sobre a cor, sendo ilustrativa e literária. Os pintores que se destacaram nessa corrente artística foram: Jacques Louis David, John Constable, Théodore Rousseau, Jean Baptiste Corot e Jean François Millet (VICTORINO, 2005).

Entre 1820 e 1850 o Estilo Neoclássico entrou em decadência dando lugar ao Impressionismo.

## **2.1 Jacques Louis David (1748-1825)**

Nascido em Paris, em 30 de agosto de 1748. Jacques Louis David, discípulo de Joseph Marie Vien, foi o artista que propôs o retorno à antiguidade clássica. Em seus quadros, a primazia do desenho e dos contornos sobre a cor ressalta a dramaticidade da composição. O exemplo claro disso pode ser visto na obra *Madame Seriziat*, (1795), que abriu caminho à revalorização dos valores históricos e naturais (HAUSER, 1982). Suas obras são, quase em sua totalidade, retratos do desenrolar da Revolução Francesa. Foi nomeado pintor oficial de Napoleão para quem fez suas obras mais ambiciosas. Após a derrota de Napoleão, mudou-se para Bruxelas, onde veio a falecer em dezembro de 1825; entretanto, o incentivo a outros artistas já tinha sido dado (LIMA, 2005).

## **2.2 John Constable (1776-1837)**

Pintor britânico, nascido em East Bergholt, condado campestre da Inglaterra, foi um dos paisagistas de maior renome da época, tendo a infância no campo como uma das suas maiores inspirações (MAHLER, 1975).

Em suas composições, predominam os céus cinzentos e as diversas tonalidades de verdes dos prados e bosques sob a chuva, sempre pondo em evidência todas as formas e aspectos da natureza, o que dá a sua obra uma solidez e firmeza espantosas (MAHLER, 1975). Suas paisagens são particularmente líricas, sem dramaticidade, revolucionando a representação das paisagens da época e declarando com paixão que “há lugar para um pintor da natureza” (CONSTABLE, 1824).

Entre suas obras podemos destacar: O Campo de Trigo e “View on the Stour”.

## **2.3 Théodore Rousseau (1812-1867)**

Natural da França, Rousseau nasceu em 1812 e se destacou entre os neoclassicistas; entretanto, seu estilo não é claramente definido, pois está entre o Neoclássico e a escola impressionista (STUART, 2005).

Pintou várias regiões da França, com cenas dramáticas e detalhadas da natureza, pois para ele o que importava não eram as grandes profundidades da pintura, mas sim os detalhes mínimos da mesma (STUART, 2005).

Esse estilo detalhista podia ser confirmado a partir de declarações nas quais Rousseau (1860) afirmava que “ouvia as vozes das árvores, suas paixões e descobertas, colocando os dedos nos segredos majestosos das mesmas”. Porém, essa maneira de pintar não agradou a Academia de Artes, a sociedade ou os salões de exposição da época, que rejeitaram suas obras por um longo tempo, de modo que ele acabou recebendo como segundo nome, “O Grande Recusado” (MAHLER, 1975).

Suas principais obras são: A Floresta de Fontainebleau, “Frühiling” e Os Carvalhos.

## **2.4 Jean Baptiste Corot (1796-1875)**

Devido a sua sensibilidade no que dizia respeito à natureza, Corot abandonou uma promissora carreira de pintura comercial, para se dedicar plenamente à representação de paisagens (PIOCH, 2005).

Viveu em Paris, lugar que lhe rendeu a maioria de suas obras, entretanto também viajou para outros países como Inglaterra, Suíça e Itália, para onde foi três vezes (PIOCH, 2005).

Via a arte como uma forma para idealizar os sonhos, a vida e escapar da banalidade das cidades: “reproduzo escrupulosamente todas as possibilidades que vejo a minha frente” disse em 1827. Apesar da sua visão essencialmente neoclássica, difere dos seus companheiros em um aspecto: ele não via o homem do campo como um ideal de vida, tendo exposto em suas obras apenas a natureza (MAHLER, 1975).

O seu quadro de maior renome foi A Manha, também conhecido como A Dança das Ninfas.

## **2.5 Jean François Millet (1814-1875)**

Filho de camponeses de uma fazenda de Gréville na Normandia, Millet mostrou um interesse precoce pelo desenho, indo para Paris em 1838, onde se tornou pupilo de Paul Delaroche (PIOCH, 2005).

A sua primeira exposição foi em 1840 e o tema principal foi a mitologia, entretanto, as suas memórias acerca da vida no campo e o contato intermitente com a Normandia impeliram os temas campestres como sua característica pelo restante de sua carreira (PIOCH, 2005).

Millet se tornou símbolo dos jovens artistas, a quem ele ajudava e encorajava. Foi ele quem insistiu para que Boudin se tornasse um artista e seu trabalho certamente, influenciou o jovem Monet que dava seus primeiros passos como pintor. No final de sua carreira, seu trabalho tomou proporções que se assemelhavam as do Impressionismo (PIOCH, 2005).

Millet nunca trabalhou fora de seu estúdio levando em consideração para a criação de suas obras, apenas os limites que as cores impunham a ele. O resultado disso foi uma obra de

consistência inigualável que serviu de apelo para grandes mestres como Seurat e Van Gogh (PIOCH, 2005).

Destaca-se em sua carreira: O Semeador, As Apanhadoras e O Buquê de Margaridas.

De 1820 a 1850, já em decadência, o Neoclassicismo opôs-se ao Romantismo e abrigado nas academias e escolas de belas-artes, confundiu-se ao Academicismo e assim aos poucos deu origem a todas as escolas de vanguarda, a começar pelo Impressionismo (HAUSER, 1982).

### **3. DESCRIÇÃO MORFOLÓGICA DE ALGUMAS DAS ESPÉCIES REPRESENTADAS PELOS PINTORES NEOCLÁSSICOS**

#### **3.1 Trigo (*Triticum aestivum* L.)**

O trigo (*Triticum aestivum* L.) representado na obra de John Constable tem registros de sua origem desde a Mesopotâmia. É uma monocotiledônea, pertencente à família POACEAE. A semente possui um único cotilédone, que, além de funcionar como órgão de reserva de alimentos ou fotossintetizantes, também desempenha a função de absorção (RAVEN, 2001).

No interior dos frutos – os grãos (cariopses) – há uma semente que está envolvida por uma capa, o envoltório seminal, que se desenvolve a partir do(s) tegumento(s) do óvulo, fornecendo proteção ao embrião. Esse envoltório fino e seco pode ter uma textura “papirácea”, e em muitas sementes este é duro e impermeável à água (RAVEN, 2001).

Por ser uma monocotiledônea, o trigo apresenta raiz do tipo fasciculada, não havendo raiz principal; a mesma é originada a partir de fragmentos do caule, que geralmente morrem ao emergir. Essas raízes, por serem de pouca profundidade unem com mais firmeza a camada superficial do solo, sendo um tipo de raiz adaptado para evitar a erosão do solo. O caule é do tipo ereto,

colmo e possui apenas crescimento primário, ou seja, longitudinal, pois não desenvolve crescimento em espessura. Segundo Raven (2001), o trigo possui uma única folha em cada nó, estando essas dispostas em duas fileiras opostas.

O desenvolvimento das flores reunidas em inflorescências do tipo “espiga” finaliza a atividade meristemática do ápice vegetativo do sistema caulinar (RAVEN, 2001). O trigo é uma planta anual e a floração indica que a planta está alcançando o final do seu ciclo de vida.

### **3.2 Margarida (*Bellis perennis* L.)**

As margaridas, mostradas na gravura de Millet, são originárias do Mediterrâneo, são angiospermas dicotiledôneas que possuem caule herbáceo do tipo haste, com folhas em fileiras opostas tipo dística e lâmina foliar partida.

Pertencem à família *Asteraceae*. Suas flores são formadas por inflorescências, ou seja, “sistema de ramificações que por fim resultam em flores (conjunto de flores)” (SILVA, 2005, p.47). As flores, por estarem organizadas em um círculo, caracterizam a inflorescência como “capítulo”.

Essas flores possuem ovário ínfero, incluso em uma urna ou anexo ao cálice ou perigônio, com dois carpelos que se fundem em um lóculo que contém um único óvulo (RAVEN, 2001).

Quanto aos estames, são em número reduzido e normalmente se apresentam fundidos entre si, (coalescentes), ou à corola. A margarida apresenta flores de dois tipos distintos: do disco e do raio; as primeiras estão no centro da inflorescência, enquanto que as flores do raio estão na periferia (RAVEN, 2001).

A corola apresenta simetria zigomorfa originando uma estrutura linear longa que desempenha o papel de pétala e atrai os agentes polinizadores (RAVEN, 2001).

### **3.3 Carvalho (*Quercus suber* L.)**

A paixão de Rousseau, representada em várias de suas telas, é um tipo de carvalho nativo da França chamado *Quercus suber*. Essa espécie é uma angiosperma, dicotiledônea de grande

porte, atingindo de dez a vinte metros de altura, com folhas persistentes, simples com formas ovaladas ou lanceoladas dispostas em fileiras do tipo alterna. O caule é revestido por uma casca acinzentada, espessa e fendida – a cortiça, que é um ritidoma do tipo suberoso, grosso e gretado (RAVEN, 2001).

Essa árvore possui flores masculinas e femininas em plantas distintas, com maturação anual florescendo, principalmente no período entre abril e maio; originando um fruto do tipo aquênio. É também conhecida por sobreiro e é explorada essencialmente pela cortiça, que é utilizada para vários fins como tapetes, rolhas e palmilhas. Além disso, o fruto pode ser utilizado como alimento para animais (ANTONIO, 2005).

#### 4. CONCLUSÕES

Com esse trabalho, percebe-se que a visão dos artistas do Período Neoclássico é de suma importância para a humanidade, pois os pintores da época tinham uma visão sensível em relação às plantas e à natureza em geral, visão esta que deveria ser adotada por todos nós.

Além disso, a ciência Botânica revela a sua importância para descrever e catalogar as plantas, como aparece nas descrições supramencionadas. No entanto, esse conhecimento aparentemente despido de beleza e sensibilidade, adquire muito mais significado quando integrado aos múltiplos olhares e produções artísticas e culturais da humanidade.

#### REFERÊNCIAS

ANTÓNIO, N. C. **O Sobreiro**. Lisboa, jun. 2005. Disponível em: <http://www.naturlink.pt>. Acesso em: 10 jun. 2005.

HAUSER, A. **História Social da Literatura e da Arte**. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

MAHLER, J. G. et al. **Histórico Mundial da Arte – do Barroco ao Romantismo**. : São Paulo: Difel Círculo do Livro, 1975.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHORN, S. E. **Biologia Vegetal**. 6. ed.: Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S/A, 2001.

SILVA, L. M. **Botânica**.(apostila) Pato Branco: UTFPR, 2005.

LIMA, D. **Vida e Obra de Jacques Louis David**. São Paulo, mai. 2005. Disponível em: <http://www.edukbr.com.br>. Acesso em: 14 ago. 2005.

PIOCH, N. **Biography of Jean Baptiste Corot**. São Paulo, jun. 2005. Disponível em: <http://www.ibiblio.org>. Acesso em: 15 ago. 2005.

PIOCH, N. **Biography of Jean François Millet**. São Paulo, jun. 2005. Disponível em: <http://www.ibiblio.org>. Acesso em: 15 ago. 2005.

VASCONCELLOS, L. **John Constable**. Rio de Janeiro, jun. 2005. Disponível em: <http://www.sobiografias.hpg.ig.com.br>. Acesso em: 16 ago. 2005.

STUART, J. **Théodore Rousseau Main Biography**. São Paulo, jan. 2005. Disponível em: <http://www.bookrags.com/biography/theodore-rousseau>. Acesso em: 16 ago. 2005.

VICTORINO, P. **A Arte dos Grandes Mestres**. Rio de Janeiro, abr. 2005. Disponível em: <http://www.pitoresco.com.br>. Acesso em: 14 ago. 2005.